

INDIRETAMENTE PELAS DIRETAS: A DEMOCRACIA CORINTIANA

no Conjunto das Manifestações pelas Diretas Já!

ANA CLÁUDIA ACCORSI*
GABRIEL FÉLIX TAVARES**
MATEUS GENRIQUES DE SOUZA***
NATHÁLIA FERNANDES PESSANHA****

RESUMO

A Democracia Corinthiana foi um movimento da década de 1980 surgido no interior do clube Sport Clube Corinthians, que não só extrapolou o vestiário e chegou às arquibancadas, como ganhou voz e apoio na sociedade paulista e brasileira. No conjunto das campanhas pelas Diretas Já, a Democracia ganha um novo propósito: lutar pela democracia não só no futebol, mas através do voto. A memória desse movimento se encontra presente até hoje, seja no meio do futebol, ou fora dele. Nesse trabalho é nosso objetivo entender a inserção da Democracia Corinthiana como partícipe desse movimento mais amplo pelas Diretas. Para isso, entendemos o futebol como um espaço de manifestação política; além de compreender a relação entre as esferas da cultura popular brasileira, com o movimento das diretas já; e por último, é objetivo desse texto, entender como esse movimento alcança às ruas.

Palavras-chave: Democracia; Movimento Político; Futebol.

ABSTRACT

The “Democracia Corinthiana” was a movement of the 1980s that emerged inside the Corinthians Sport Club, which not only extrapolated the locker room and reached the bleachers, but also gained a voice and support in São Paulo and Brazilian society. In all the Campaigns for the “Diretas já!”, Democracy has a new purpose: to fight for democracy not only in football, but through voting. The memory of this movement is present even today, whether in the midst of football or outside. In this work it is our goal to understand the insertion of “Democracia Corinthiana” as a participant in this broader movement by the Direct. For this, we understand football as a space for political expression; Besides understanding the relation between the spheres of Brazilian popular culture, with the direct movement already; And finally, it is the purpose of this text, to understand how this movement reaches the streets.

Keywords: Democracy; Politic Moviment; Soccer.

*Graduanda em História pela Universidade Federal Fluminense. Email: anaclaudiaaccorsi@gmail.com

**Graduando em História pela Universidade Federal Fluminense. Email: gfelixft@hotmail.com

***Graduando em História pela Universidade Federal Fluminense. Email: mateus.hsouza94@gmail.com

****Graduando em História pela Universidade Federal Fluminense. Email: nathaliafernandes93@gmail.com

Aquecimento

Saber procurar e entender as dinâmicas socioculturais que interferem em movimentos políticos e de transição política é tarefa árdua do historiador. O historiador da cultura brasileira tem principalmente na música e nas artes mais clássicas uma gama enorme de fontes e diálogos claros entre as duas esferas. No entanto, por que não incluir o futebol, forma de arte menos comum, nessa dança de narrativas e interpenetrações entre cultura e política, de formações de uma cultura política? Por que não entender suas estruturas como instituições de uma indústria cultural do esporte que, assim como as outras, pode dialogar com os movimentos políticos?

Mesmo ainda sofrendo um considerável preconceito no meio acadêmico, os estudos sobre o esporte e sua relevância para compreensão de si próprio e do contexto social em que estão inseridos podem ser um incrível ferramenta de análise sociológica e antropológica. No caso do Brasil, é claro, este estudo ganha mais ênfase quando se trata do futebol, esporte mais popular do país, ganhando diariamente as capas de jornais não só focados no conteúdo esportivo como também da grande mídia geral. Os episódios em que esteve atrelado a movimentos políticos ou transformações socioeconômicas não foram poucos¹.

No entanto, na maior parte das vezes esse meio esteve relacionado a questões políticas e sociais mais como um reflexo ou como um espaço de luta simbólica sem pretender sê-lo. Os adoradores de futebol, para Eduardo Galeano², são mendigos que passam a vida esmolando por uma jogada bonita, um gol, algo de espetacular. Sendo esse mendigo do futebol, o historiador que se debruça sobre o futebol é um mendigo da ação política, do momento em que os jogadores ou aqueles que se inserem nesse meio o usariam como forma de ação política e cultural maior do que sua própria indústria, maior do que si mesmo. Seu gol, seu lance de placa, é o momento em que o futebol seja ativo, sujeito de seu próprio destino e parte voluntária das dinâmicas político-culturais. Nesse sentido, em um artigo que pretende tratar de movimentos de ocupação do espaço público, nada melhor do que ter o movimento conhecido como *Democracia Corinthiana* como objeto de estudo.

A proposta aqui é, em essência, entender a *Democracia Corinthiana* como uma ocupação do espaço público que dava força e encorpava a campanha pela redemocratização e pelas Diretas Já! no início dos anos 1980. Para tanto, seguiremos o seguinte caminho: primeiramente, será apresentado o movimento, em seguida um enquadramento teórico mais aprofundado, acompanhado de uma análise das repercussões e das ações dos atores do movimento que extrapolaram o ambiente do Corinthians e dos gramados. Por último, pretendemos uma tarefa de memória, procurando destacar como esse movimento ainda é tratado hoje em reportagens de jornal ou blogs especializados. Para essa tarefa, será necessário para os historiadores mendigos do futebol fazer uso de uma série de recursos e conceitos, como se fossem as câmeras de vários ângulos das transmissões esportivas, para relacionar os meios de divulgação da ação dos jogadores que aconteciam internamente para o meio externo, ou seja, de que forma a *Democracia Corinthiana* extrapola a gestão e o ambiente do clube *Sport Club Corinthians Paulista* e afetam o contexto político de então.

1 Cf. FRANCO JÚNIOR, Hilário. *A dança dos Deuses: futebol, cultura, sociedade*. Rio de Janeiro: Companhia das letras, 2007.

2 GALEANO, Eduardo. *Futebol ao sol e à sombra*. Editora: L&PM editores, 2004.

Em Campo Contra a Ditadura: A Democracia

O nome pode parecer meio óbvio mas ele surgiu com o movimento já a pleno vapor. A denominação *Democracia Corinthiana* é atribuída ao jornalista Juca Kfoury, um dos mais relevantes cronistas esportivos da época e um dos homens mais importantes e fundadores da revista Placar. Em palestra envolvendo vários dos homens integrados no meio futebolístico, como Washington Olivetto, publicitário do Corinthians, e Sócrates, líder dos jogadores dentro do clube, o jornalista teria criado essa expressão enquanto o jogador explicava a plateia como funcionava o cotidiano do clube. Antes da nomeação, o movimento acontecia de forma orgânica, sem pensar no que se era, já era-se a *Democracia Corinthiana*³.

No ano de 1981 era eleito para a presidência do clube Waldemar Pires. Para Mariana Martins, o movimento em questão inicia-se justamente com a vitória desse personagem na eleição para a presidência do clube⁴. Após muitos anos de crise no futebol corinthiano e um período muito longo sem títulos, o histórico presidente do clube, Vicente Matheus, era impedido de concorrer a reeleição por conta do regulamento interno do clube. Buscava-se, então, uma forma de manter a gestão anterior, porém sem Matheus. Uma chapa criada com Waldemar de Pires como presidente e Vicente Matheus como vice se formaria e venceria a eleição. É bom destacar que Matheus era conhecido por ser um enorme centralizador de tarefas dentro do clube, tido como ditador, refletindo a lógica das gestões de clubes de futebol ao longo da história e que haviam se endurecido ainda mais durante o regime militar, dada a origem social e educacional da grande maioria dos dirigentes. Sendo assim, mesmo com Matheus na vice-presidência, a torcida realizou, nas arquibancadas, o enterro simbólico do “ditador incompetente”. As arquibancadas então, mesmo que por conta de resultados futebolísticos, já ensaiava uma antecipação frente a luta contra os ditadores.

Dado esse contexto, esperava-se internamente que Waldemar Pires, cedendo as pressões exercidas pelo ex-presidente, se tornasse um “ditador incompetente” e que, assim como tentava o regime militar, Vicente Matheus saísse do cargo mas seu poder continuasse na gestão do clube.

No entanto, Waldemar Pires abriu suas asas assim que assumiu e começou a deixar Matheus de lado já em 1981. Seu primeiro passo foi a contratação de um jovem sociólogo, Adilson Monteiro, para assumir a diretoria de futebol, gesto incomum e nada ortodoxo para época e até para os padrões do futebol atual. O sociólogo por sua vez contratou o técnico Mário Travagnini, um homem que contrariava a mentalidade linha-dura frequente nos treinadores de futebol. A partir daí, e com a junção de jogadores do elenco, como Sócrates, Zé Maria, Wladimir e Casagrande criava-se um novo modelo de gestão no clube.

A partir desse momento, criou-se uma organização do clube onde os jogadores participavam de todas as decisões, com o respaldo do diretor de futebol. Faziam reuniões e discutiam sobre inúmeras questões referentes ao clube, como contratações, negociações, logísticas de viagem, necessidade de um novo técnico e etc. Decisões grandes e pormenores. Claro que deve-se considerar os limites do alcance das ações dos jogadores, tendo em vista que o Corinthians, como todo clube de futebol de maior expressão, é uma empresa. No entanto, segundo Sócrates: “Tudo era discutido. Nós nos reuníamos no vestiário ou no campo e decidíamos. A partir de então, nós começamos a exercer isso semanalmente. Falávamos

3 Cf. HOLLANDA, Bernardo Buarque de. *Os Gaviões da Fiel ensaios e etnografias de uma torcida organizada de futebol*. Rio de Janeiro: Sete Letras, 2015.

4 MARTINS, Mariana. REIS, Heloisa. “Cidadania e direitos dos jogadores de futebol na Democracia Corinthiana”, *Rev Bras Educ Fis Esporte*, São Paulo, jul – set 2014.

sobre uma série de coisas, inclusive horários de treino. Discutir e votar era quase um vício⁵. O importante era o gosto pelo voto⁶.

Essa nova forma de gestão era revolucionária dentro do futebol. Jamais algo parecido havia ocorrido em um grande clube e, pelo menos nesse Corinthians da década de 1980 a *Democracia Corinthiana* se revertia em títulos, como o campeonato paulista de 1983. A força do movimento no interior do clube garantiu, por exemplo, uma nova vitória de Waldemar Pires nas eleições do clube em 1983, contra o ex-presidente Vicente Matheus. Naquele momento, a chapa “Democracia Corinthiana” batia a chapa da “Ordem e da Verdade”, nada diferente da retórica política em voga no cenário nacional.

É claro, jamais esqueçamos, que a *Democracia Corinthiana* ganhava espaço, força e repercussão em uma conjuntura política já marcada pelos anseios populares pela redemocratização do país, traduzido a partir de 1983 pela campanha das “Diretas Já!” que demandavam o voto direto para presidente nas eleições de 1985, a partir da aprovação da emenda Dante de Oliveira no Congresso Nacional. O contexto era favorável. Dele a *Democracia Corinthiana* se aproveitava ao mesmo tempo em que nele se incluía. O momento abrigava uma crise de Estado, de regime e de governo, como aponta Edilson Bertoncello. Movimentos sociais e greves explodiam pelo país em uma clara e manifesta oposição ao regime militar e o autoritarismo. No futebol não era diferente, assim como em todos os setores da cultura que percebíamos as transformações socioeconômicas. Para Hilário Franco Jr. a *Democracia Corinthiana* antecipava as fissuras do regime militar⁷, mesmo que em um pequeno microcosmo. No entanto, um microcosmo de repercussão nacional, ressaltando-se o fato de que o Corinthians é um clube identificado com as classes populares e tem até hoje torcedores espalhados por todo o país. A torcida Gaviões da Fiel, organizada e apoiadora do Corinthians, foi responsável, por exemplo, pela primeira manifestação maior em favor da anistia ampla geral e irrestrita, levando, em 1979, uma enorme faixa com esses dizeres para um jogo lotado no Estádio do Morumbi. Quem dera as torcidas percebessem ainda hoje como o futebol oferece tamanho espaço de luta política.

Deixando de lado os anseios de historiadores mendigos do futebol, o fato é que a Democracia Corinthiana embarcava na onda dos anseios pela redemocratização, de um cenário que abria espaço para a afirmação do jogador enquanto sujeito político, assim como os operários faziam nas fábricas do ABC Paulista. No entanto, incorporava também esse movimento, em uma dupla transitividade do fluxo de influência e apoio entre os dois, movimento político e futebolístico, exemplificado pela participação de alguns dos jogadores do clube nos grandes projetos nacionais pelas Diretas Já! A *Democracia Corinthiana* é um golaço. Daqueles que fazem o admirador querer vê-lo, revê-lo e, como nós aqui nesse artigo, melhor entendê-lo.

Ainda não procuraremos fazer uma análise esmiuçada do interior, dos resultados e da trajetória da ação dos jogadores, bastando dizer que o ataque sobre os jogadores era também muito intenso, principalmente por parte da imprensa e do grupo político de Vicente Matheus que ainda impunha grande influência dentro do clube. Mais tarde, com a reprovação da Emenda Dante de Oliveira e a saída de Sócrates, o movimento perdia força. Em 1985, Vicente Matheus voltava a presidência, decretando a falência da *Democracia Corinthiana*. A *Democracia Corinthiana* é o gol de placa que, na rememoração, será mais lembrado do que a derrota na partida.

5 DIAS, Luiz Antônio e FARINA, Michelle. “Preto no Branco: A democracia corinthiana nas páginas do jornal Folha de São Paulo”, *Recorde*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, de p. 1-21, jul./ dez. 2016.

6 MARTINS & REIS, *op.cit.*

7 DIAS & FARINA, *op.cit.*

E a classificação, como fica? Um pequeno enquadramento teórico

O primeiro olhar da academia para o movimento da Democracia Corinthiana foi direcionado para enxergá-lo como movimento social. Um dos primeiros estudos mais aprofundados sobre o tema, realizado por José Paulo Florenzano, colocava a *Democracia Corinthiana* ao lado dos movimentos populares e do novo sindicalismo. A opção mais clara, portanto, era enquadrar a ação dos jogadores como um movimento social.

Levando-se em conta que a teoria clássica dos movimentos sociais considera-os como fenômenos de comportamento coletivo insurgentes, nascidos em períodos de ruptura do controle social, inicialmente a organização dos jogadores do clube paulista poderia ser encarados dessa forma. Poderia. Entretanto, a análise mais aprofundada nos permite um outro olhar.

Colocando uma lente de aumento e utilizando-se das formas de definição de movimento social que os diferenciam de outras formas de ação coletiva, objetivo deste trabalho, Mariana Martins e Heloisa Reis⁸ trazem uma nova perspectiva. Baseadas nos trabalhos de Della Porta e Diani, que definem os movimentos sociais como constituídos pela presença de um antagonista claro, pela criação de uma identidade coletiva formada no seio da ação e pela presença de redes internas de solidariedade entre as várias partes do movimento, identifica-se um movimento social como composto não apenas por uma única organização, mas por uma rede.

Dessa forma, a *Democracia Corinthiana* não se enquadra exatamente como um movimento social, na medida em que, na verdade, se restringe ao ambiente do Corinthians em sua ação coletiva prática. Uma opção viável talvez fosse colocá-lo dentro do movimento social pelas Diretas Já? Também não. Há uma série de elementos essenciais desse movimento social que não podem ser aplicados a *Democracia Corinthiana*. Os movimentos pela redemocratização buscavam em essência o desafio ao Estado e a possibilidade de inovação e reformulação das estruturas de dominação. Esses eram os elementos que formavam sua identidade coletiva, condição básica da existência do movimento social.

Nesse momento, é fundamental tomarmos o lugar de análise objetiva e possuir o entendimento de que o Corinthians era acima de tudo uma empresa e que o modelo de organização e gestão que ficou conhecido como *Democracia Corinthiana*, mesmo que simbolicamente espetacular, estava sob os limites colocados pela direção do clube. Ele havia se iniciado e sido pensado a partir da nova proposta de gestão do clube pelo presidente Waldemar de Pires e pelo diretor de futebol Adilson Monteiro. Claro que os jogadores fizeram desse modelo uma apropriação muito característica, liderados principalmente por Sócrates. No entanto, é necessário entender que eles estavam restritos ao modelo de organização do clube, da empresa Corinthians. Heróis, porém, na prática, dentro de um espaço limitado.

A gestão de Pires e Adilson fazia parte também de um modelo descentralizado e tecnicista de administração empresarial, manifesto não só na gestão participativa como também pela contratação de profissionais técnicos, caso de Washington Olivetto na direção de comunicação do clube. O próprio nome *Democracia Corinthiana* só ganha espaço de fato no clube a partir da eleição de 1983, na qual a chapa de Waldemar Pires se apoiava no discurso e na participação dos jogadores para vencer a eleição. A expressão foi inclusive exposta na camisa dos jogadores nas partidas que antecederam a eleição do clube, tornando a *Democracia Corinthiana* também um produto de marketing. Foi inclusive a partir desse episódio que o Corinthians passou a abrir espaço para mensagens publicitárias em seus uniformes de jogo, processo repetido pelos outros clubes e hoje fundamental para a atração de patrocinadores

8 MARTINS, Mariana e REIS, Heloisa. "Diálogos Críticos sobre a Democracia Corinthiana como Movimento Social". *V Congresso Internacional de Ciências do Esporte*. Brasília. 2013.

para todos os clubes. Era um projeto de vanguarda no marketing esportivo e se aproveitava da oposição “democracia vs ditadura” que vinha se configurando na época. Desta forma, compunha o que Martins e Reis chamaram de mais uma das facetas do movimento⁹.

Nesse sentido, é importante ter em mente que apesar de relevante e simbolicamente inovador para a estrutura do futebol e para o contexto político da época, a *Democracia Corinthiana* em nenhum momento teve reais pretensões de dividir o poder da direção. Não desafiava as estruturas de poder nem ensaiava uma reestruturação do modelo de organização do país. Dessa forma, ainda que buscasse uma maior participação do jogador na gestão do clube e de seu futuro, não se pode considerá-la nem um movimento social isolado nem parte da campanha pelas Diretas Já e pela redemocratização do país, na medida em que não partilhavam a mesma identidade coletiva.

Sendo assim, que outra definição podemos atribuir a ação dos jogadores do Corinthians e ao novo modelo de gestão? Negar sua importância histórica e atribuir a essa organização um simples caráter de aproveitamento econômico dos diretores do clube seria um enorme reducionismo, uma perda. Seria atribuir os méritos de um gol de placa ao técnico, não ao jogador. Nesse sentido, é necessário um outro enquadramento teórico para a *Democracia Corinthiana*.

A aplicação do conceito de processos autonomamente determinados¹⁰, exposto em artigo de Bertoncelo¹¹ sobre as Diretas Já!, será o norte do enquadramento que se pretende fazer aqui, nos ajudando a resolver nosso dilema. Para enxergarmos isso é preciso mudar o ângulo ou apelar para outras câmeras que captem nossa jogada de placa. Segundo o autor, a campanha pelas Diretas Já! foi resultado de uma série de ações coletivas de origens variadas que tinham em comum a luta pela redemocratização e culminaram na formação de uma identidade coletiva própria na reivindicação pela aprovação da Emenda Dante de Oliveira.

Apoiando-se na proposição teórica de Dobry (1986) de que em contextos de crise intensa os movimentos e ações coletivas constituem uma rede de interpenetração que colocam frente a frente ou lado a lado uma série de atores, repertórios, propostas e simbolismos diversos, no caso das Diretas Já!, tal interpenetração se deu a partir da definição dos ideais democráticos e do pedido por eleições diretas para criação dessa rede.

Nesse sentido, nossa chave foi encarar a *Democracia Corinthiana* como um desses núcleos de determinação autônoma que compuseram a cena das Diretas Já!. Ainda que, como demonstrado acima, não constituíssem a identidade coletiva própria das Diretas Já, é inegável que formaram parte da rede de interpenetrações formada a partir da grande formulação dessa ação coletiva. Isso fica mais claro ainda quando tomamos por base Tarrow (1998) que aponta como a ação coletiva se vale da coordenação de atores coletivos e individuais, em ações isoladas e dispersas muitas das vezes, de forma a concentrá-los. Essa coordenação e esse esforço formavam as estruturas de mobilização que podem abarcar tanto as instituições propriamente internas ao movimento social como algumas apropriadas.

Como nos mostra Bertoncelo, os processos de transformação de oportunidades diversas em recursos e de criação e apropriação de estruturas de mobilização são mediados por processos interpretativos que ocorrem no interior da ação coletiva¹².

Com essas questões teóricas mais apropriadamente levantadas, entendemos como a

9 MARTINS & REIS, *op.cit.*

10 SKOCPOL, T. *States and social revolutions*. Cambridge: Cambridge University Press, 1979.

11 BERTONCELO, Edison Ricardo Emiliano. “Eu quero votar para presidente”: uma análise sobre a campanha das Diretas”, *Lua Nova*, 2009, p.169-196.

12 *Idem*.

Democracia Corinthiana faz parte dessa rede de interpenetrações que formaram a campanha pelas Diretas Já! no início da década de 1980. O movimento dos jogadores, ou, pelo menos, os seus principais líderes, fizeram parte dessas instituições e figuras, agora políticas, apropriadas para o seio das estruturas de mobilização das Diretas Já!. Foram alguns os jogadores que participaram dos comícios pelas Diretas no centro de São Paulo, principalmente Sócrates. Este por sinal, filiou-se ao PT no momento de sua criação, aumentando o grau de interpenetração das ações coletivas.

Mais ainda, tais participações dos jogadores acabavam também por criar processos interpretativos próprios dentro da ação coletiva das Diretas Já! e dentro da própria Democracia Corinthiana. Nesse momento, ela deixava de ser uma reles e simples reorganização da estrutura de uma empresa, o Corinthians (guardadas as suas repercussões relacionadas a paixão clubística), e passava a ser um símbolo de mais um movimento democrático que lutava por esse valor dentro de uma estrutura engessada e autoritária como a gestão do futebol. A luta não era só por uma eleição, ou pelo fim da concentração antes dos jogos, mas por um valor. O valor democrático.

Nesse sentido, é importante termos em conta que na época vinha se dando uma transformação nos sentidos de cidadania no Brasil, como apontado por Martins e Reis ao retomar as reflexões de Dagnino¹³. Para o autor, os movimentos sociais do final da década de 1970, a exemplo do Novo Sindicalismo, recriam o conceito de cidadania que passava naquele momento a significar não só ter direitos mas “o direito a ter direitos”, de forma que a cidadania deve agora ser atingida através da luta cotidiana e não de concessões. Somado a isso, estaria incluso dentro dessa nova noção de cidadania a questão de uma cidadania composta por sujeitos sociais ativos, fundamentada na difusão de uma cultura de direitos e que se conclui e efetiva apenas na participação do sujeito social na definição do próprio sistema no qual está inserido¹⁴.

Dentro da narrativa do período, a *Democracia Corinthiana* era um microcosmo do Brasil, e para o movimento social pela eleição direta os jogadores e o sucesso do Corinthians eram uma referência do que pretendiam ser enquanto país. Nesse momento percebe-se o encontro das teorias de Dubry, Tarrow e Bertonecelo não só na campanha pelas diretas mas dentro da própria *Democracia Corinthiana*.

Os movimentos sociais, portanto, são engajados na permanente construção de sentidos, do qual resultam quadros de interpretação que configuram um conjunto de crenças e símbolos orientados para a ação coletiva. Ao mesmo tempo são eles também responsáveis por angariar novos potenciais participantes, desmobilizar os adversários e construir novos espaços de manifestação. O esforço das estruturas de mobilização das Diretas Já! em utilizar dos principais nomes da *Democracia Corinthiana*, como Sócrates e Casagrande que não só fizeram discursos em comícios como participavam de shows de artistas associados a esse movimento social, faziam parte desse objetivo, de angariar novos participantes e produzir outros espaços. Não à toa, a Gaviões da Fiel foi palco de inúmeras manifestações políticas durante o início da década de 1980.

Isso fica ainda mais claro se levarmos em consideração o aspecto cultural relativo ao futebol. José Miguel Wisnik em seu sensacional livro *Veneno Remédio*¹⁵ traz a tona o futebol como aglutinador de paixões humanas, espaço de lutas internas e externas a conjuntura política e socioeconômica, mas apresenta principalmente a relação entre o futebol e a cultura nacional brasileira. Quando entendemos que a cultura tende a ser vista como um repertório de símbolos, narrativas, definições que são apropriadas pelos atores nos processos de

13 Cf. MARTINS & REIS, *op.cit.*

14 DAGNINO, E. "Sociedade civil, participação e cidadania: de que estamos falando?" In: MATO, D. (org.). *Políticas de ciudadanía y sociedad civil en tiempos de globalización*. Caracas: Universidad Central de Venezuela; 2004.

15 WISNIK, José Miguel. *Veneno Remédio. O futebol e o Brasil*. Companhia das Letras. 2008.

mobilização coletiva, pela teoria dos movimentos sociais e dialogamos com Wisnik, a *Democracia Corinthiana* ganha ainda mais importância dentro do repertório da ação coletiva das Diretas Já!.

A cultura é componente constitutivo da ordem social, assim como as estruturas da cultura também o são. Sendo assim, uma ação coletiva como dos jogadores do Corinthians, mesmo que limitada pelas condições do clube, é também uma referência de luta pela participação política dentro da estrutura cultural, no caso a estrutura do futebol. Por esse motivo, era extremamente importante para a campanha pela aprovação da emenda Dante de Oliveira.

Nesse sentido, no enquadramento teórico da *Democracia Corinthiana*, nota-se que ela não era um movimento social em si próprio, nem fazia parte do movimento social pelas Diretas Já!, mas formava um dos processos autonomamente determinados que participavam, interagiam, repercutiam e criavam novos espaços de mobilização pela democratização. É importante lembrar também que os quadros interpretativos da ação coletiva canalizam os esforços dos atores para aquilo que é possível e desejável alcançar dadas as condições existentes. Obviamente, o que é possível alcançar e os meios para isso não são dados aos atores¹⁶. Os corinthianos não pretendiam uma reestruturação do modelo organizacional do futebol, mas lutavam por maior participação dentro dos limites que lhes cabiam para a ação. Para além disso, foram motivos para usos e interpretações que extrapolavam a ação interna dentro do Sport Club Corinthians Paulista. Tal qual um gol cujas fotos ostentam as capas de jornais do dia seguinte, a *Democracia Corinthiana* dava ainda mais voz ao valor democrático, a participação política, a criação de sujeitos atuantes e pensantes, perante a sociedade que lia os jornais brasileiros.

Depois do Apito Final: as Reações

Por falar nos jornais, é neles que agora nos concentraremos. Assim como todo golaço, a Democracia Corinthiana era alvo de comentaristas nas mesas redondas do país afora. No entanto, não ficava só nas esportivas.

Tarrow argumenta que em um momento de crise de onda de protestos como o início da década de 1980, os desafios produzidos por insurgentes geram contra mobilizações por parte dos atores afetados por eles, que impactam igualmente sobre a estrutura de oportunidade do protesto coletivo¹⁷.

Sendo assim, utilizaremos como parâmetro da reação e da repercussão sobre a Democracia Corinthiana a grande imprensa e, com mais especificidade, o jornal *Folha de São Paulo*¹⁸. Antes de mais nada, é importante destacar que a *Folha* vinha desde o final da década de 1970 buscando uma reconstrução de sua imagem perante o grande público, de forma a distanciar sua imagem do regime militar que havia apoiado demonstrando um alinhamento editorial até então. Passou então a defender com vigor a reabertura política e posteriormente as Diretas Já!. Não muito diferente das outras empresas do mercado que conhecemos tão bem.

É importante pensar também que aqui trataremos na maior parte das vezes com uma imprensa mais especializada, a esportiva, que apesar de estar ligada a linha editorial do jornal como um todo também analisa o futebol do clube e portanto os resultados, assim como a torcida. Em 1982, por exemplo, um período de algumas derrotas e maus resultados

16 BERTONCELO, Edison Ricardo Emiliano. "Eu quero votar para presidente": uma análise sobre a campanha das Diretas", *Lua Nova*, 2009, p.169-196.

17 *Idem, ibidem*.

18 DIAS & FARINA, *op.cit.*

do elenco corinthiano, a crítica se abateu não só sobre o futebol jogado em campo, mas sobre a gestão do clube. Chamava-se a ainda não intitulada *Democracia Corinthiana* de irresponsável, principalmente após a prisão do atacante Casagrande por posse de entorpecentes, o que denota também uma conotação moral no tom da crítica¹⁹.

Na ocasião da eleição de Waldemar Pires, a manchete do dia seguinte era “Corinthians elege democracia”. No entanto, a *Folha* fazia questão de demonstrar a dificuldade na vitória da eleição e os casos de jogadores que apoiavam a chapa de Vicente Matheus, como Biro-Biro. O texto do jornal destacava que mesmo com a vitória da chapa, ainda assim seriam necessários os resultados e que caso eles não viessem seria sempre necessário a volta de um Matheus para restaurar a Ordem e a Verdade dentro do clube. Quando há má vontade, há sempre um “porém”. Percebe-se então uma postura ambígua, reflexo também das posturas do editorial de inúmeros jornais da época com relação a democratização. Democracia sim, mas sem bagunça. Democracia segura, como pretendiam as elites brasileiras. O jornal destacava o apoio do deputado do PT, Eduardo Suplicy, a chapa vencedora, vinculando também o PT a uma possível democracia “bagunceira”. Enquanto isso, deixava de lado a cobertura de acontecimentos simbólicos importantíssimos, como a participação dos jogadores Wladimir e Zé Maria na composição da chapa e do conselho do clube: eram negros assumindo posições de poder dentro da estrutura do clube.

O discurso da *Folha* continuava sendo ambíguo em ocasiões como a saída do técnico Mário Travalighi por motivos pessoais. Naquele momento, ela condenava a gestão democrática pois os jogadores não aceitariam outro treinador, fazendo do Corinthians uma bagunça e em editorial deixava clara que para ela o jogador de futebol não é uma liderança, não é vanguarda, e não deve passar a sê-lo.

É importante destacar também que a *Democracia Corinthiana* saía das páginas somente esportivas dos grandes jornais. Luiz Antônio Dias e Michelle Farina nos trazem o depoimento de Silvio Lancelotti, crítico da imprensa que segundo ele “se equivoca, por ingenuidade, incompetência ou má fé, ao apontar eventuais resultados negativos no campo de jogo como consequências de possíveis excessos ou exageros na condução dos destinos da democracia corinthiana”²⁰, sendo essa uma constante de toda a existência da *Democracia Corinthiana*. A alternância entre bons e maus resultados, tão comuns no futebol, no Corinthians possuía um culpado extra: além de técnicos e jogadores, a *Democracia Corinthiana* era apontada como causa, tanto para os bons, quanto para os maus resultados. O tom do editorial do jornal se traduzia em manchetes como “Um mau resultado contra o Botafogo poderá apressar o confronto do técnico com a ‘Democracia Corinthiana’”.

Nem a imprensa nem as próprias organizações da estrutura do futebol aprovavam a *Democracia Corinthiana*. Em 1983, a Federação Paulista de Futebol enviou ofício ao Corinthians afirmando ser proibida a colocação de estampas políticas nos uniformes de jogo, como o Corinthians havia feito. Em 14 de dezembro de 1983, num jogo realizado no Estádio do Morumbi, os atletas corinthianos entraram no campo antes da partida com uma enorme faixa contendo os dizeres “Ganhar ou perder, sempre com democracia”.

partir de 1984, com as Diretas Já ganhando mais corpo, a *Democracia Corinthiana* também se encorpava, na medida em que os jogadores eram cada vez mais tratados como ídolos não só do Corinthians e nem só por razões futebolísticas. Segundo Dias e Farina, a luta

19 Cf. SANTOS, Daniel Araújo dos. *Futebol e política. A criação do campeonato Brasileiro de clubes de futebol*. 2012.

150 f. Dissertação (Mestrado em História). Fundação Getúlio Vargas. CPDOC. 2012.

20 DIAS & FARINA, *op.cit.*

pela democracia dos corintianos causava, inclusive, constrangimentos clubísticos paradoxais, fazendo os torcedores caírem em conflitos existenciais e políticos. Afinal, como um torcedor do Palmeiras apoiador das eleições diretas vaiaria o time corintiano? Como viemos afirmando desde o início, futebol também é bom pra pensar.

Em discurso da Praça Sé em 1984, Sócrates diria que se as Diretas não passassem ele se transferiria para um clube fora do Brasil. A partir daí, a *Folha de São Paulo* começava uma campanha de especulação sobre a possível transferência de Sócrates independente do resultado da votação da emenda. O próprio Sócrates se mostrava preocupado com a *Democracia Corinthiana*, já que sendo um dos líderes e com a já ausência também de Casagrande, temia que o modelo ficasse fadado ao fracasso. A profecia de Sócrates se cumpriu. Após sua transferência para o futebol italiano, a *Democracia Corinthiana* perdia força junto com a Emenda Dante de Oliveira.

Prorrogação: o que Ficou na Memória?

Segundo Maurice Halbwachs²¹, a análise da *memória coletiva* deve levar em consideração os pontos de referência que estruturam a nossa memória e que se inserem na memória da coletividade a qual pertencemos. Paralelamente a ele, Michael Pollak²², falando sobre o enquadramento da memória menciona que “A referência ao passado serve para manter a coesão dos grupos e das instituições que compõem uma sociedade, para definir seu lugar respectivo, sua complementariedade, mas também as oposições irredutíveis”, concordando com Halbwachs sobre a necessidade dos pontos de referência para a construção e o enquadramento desta memória. Falar sobre a memória coletiva do movimento da *Democracia Corinthiana* necessita determinados cuidados. Primeiramente porque foi um movimento ocorrido durante um momento de cerceamento democrático no país, momento este que, por si só, já gera memórias controversas. Em segundo lugar, por se tratar de um movimento ocorrido dentro de um espaço específico: o futebol.

As análises da memória devem se enquadrar em dois pontos de referência principais: futebol e ditadura. A partir desse enquadramento podemos notar que essa memória é trazida a tona sobre perspectivas diferentes, exemplificando o caráter de disputa que todo discurso baseado na memória possui. Abaixo traremos, a título de exemplo, duas tentativas de trazer a tona o movimento da *Democracia Corinthiana* que possuem bases distintas e que buscam despertar sentimentos opostos quanto ao movimento. A primeira delas, consta no livro *Guia Politicamente Incorreto do Futebol*²³, defendendo argumentos que produzem uma memória pejorativa do movimento que se inseriu no conjunto de manifestações pela democracia, culminantes nas Diretas Já!. A segunda tentativa de construção de memória que traremos é de um movimento acontecido recentemente na sede do clube, como forma de celebrar os trinta anos do movimento e de aproveitar todo o sentimento da *Democracia Corinthiana* para promover manifestações no momento político atual.

As duas formas propõem visões diferentes sobre o movimento e buscam, portanto, construir acerca dele memórias coletivas divergentes, cada qual de acordo com os pontos de referência e as correntes políticas as quais se seguem.

A primeira manifestação de memória aqui mencionado, o livro *Guia Politicamente*

21 HALBWACHS, Maurice. *La mémoire collective*. Paris: PUF, 1968.

22 POLLAK, Michael. “Memória, esquecimento, silêncio”, *Estudos históricos*, Rio de Janeiro, v.2, n.3, 1989.

23 ROSSI, Jones e JÚNIOR, Leonardo Mendes. *Guia Politicamente Incorreto do Futebol*. São Paulo: LeYa. 2014.

Incorreto do Futebol, parte de uma série de livros normalmente de temáticas relacionados a história e que contam com enorme repúdio da academia de história. O livro em questão, apesar de não ser escrito por Leandro Narloch, conta com uma série de inconsistências históricas, como todos os outros da série, e no final, em uma posição de destaque está o capítulo sobre a Democracia Corinthiana. Nele, os autores afirmam que a *Democracia Corinthiana* era “uma democracia de dois ou três”, crítica que surgia também na época. A partir da existência de líderes conhecidos e de suas ações em episódios esporádicos, nada muito diferente da difamação de outros processos políticos, os autores tentam demonstrar que na *Democracia Corinthiana* apenas se realizava a vontade de seus líderes e não do resto do grupo. Constitui-se, portanto, uma tentativa de deslegitimação do movimento e de sua história de forma tola, na medida em que não reconhece a simples existência de vanguardas dentro daquele e de qualquer democracia.

Essa não é única das tentativas de reelaboração de uma memória negativa sobre o movimento, mas é uma das que mais repercutiram, tendo obrigado na época que jogadores como Casagrande e Wladimir tivessem que dar entrevistas refutando essa crítica. Assim como naquele momento, até hoje versões e interpretações surgem sobre a *Democracia Corinthiana*. Por outro lado, no dia 5 de abril de 2016, mais de 30 anos após a “Democracia Corinthiana”, os principais integrantes do movimento original e outros membros se reuniram mais uma vez para tratar sobre democracia, desta vez contra o golpe ainda em curso contra a ex presidente Dilma Rouseff. O movimento, convocado pelo Levante Popular da Juventude, recebeu o nome de *Democracia Corinthiana* contra o golpe²⁴. O encontro se deu na USP, na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, e contou com a presença de grandes nomes da história do clube, como Wladimir dos Santos e Chico Malfitani, além do jornalista Juca Kfoury. Segundo a revista *Fórum*, o público ouvinte chegou a cerca de duzentas pessoas. O legado desse movimento pôde ser percebido até mesmo por seus rivais, que assistiram ao reencontro e puderam reconhecer a importância de lutar pela liberdade em um momento tão delicado como foi a ditadura. A principal motivação dessa reunião foi a “missão da democracia”, como coloca Kfoury, que estava sendo ameaçada pelo golpe iminente contra a então Presidente da República. O encontro veio resgatar a importância de ousar contra a repressão, mostrar a capacidade do povo de ser organizado e bater de frente.

O momento atual nos remete à conjuntura da época, a vontade de lutar pela democracia e pela liberdade não poderia cair no esquecimento. O evento vem mostrar novamente o valor da força coletiva em momentos onde o jogo democrático parece correr perigo. O futebol, novamente, se mostra como mais uma forma de expressão da resistência, caminhando junto do povo contra a repressão e as imposições políticas. A história do próprio time nos mostra seu caráter popular, desde sua fundação, dando voz democrática aos movimentos do povo e estando na vanguarda das lutas a favor da democracia. Além do golpe disfarçado de impeachment, havia outras demandas importantes em pauta, como a máfia das merendas do governo Alckmin em São Paulo.

Face a tudo isso, a Gaviões da Fiel, torcida organizada do Corinthians, revivendo os momentos de *Democracia Corinthiana*, organizou manifestações nos estádios. Elas se deram através de cânticos, cartazes e faixas nos jogos do Corinthians no estádio de Itaquera. Foram, mais uma vez, manifestações políticas, pois não só atacavam a CBF e seus líderes como também falavam sobre, por exemplo, a citada máfia das merendas. Após esses protestos, a polícia se mostrou claramente contra a torcida, chegando a

24 CONTRA O GOLPE, Democracia Corinthiana volta a se reunir 30 anos depois. Disponível em: <<http://www.revistaforum.com.br/2016/04/06/mais-de-30-anos-depois-democracia-corinthiana-volta-a-se-reunir-contrao-golpe/>>. Acesso em 22 de junho de 2017.

invadir sua sede, ainda no mesmo mês do encontro. Segundo reportagem da página Uol²⁵, nesta invasão, os policiais realizaram vinte e cinco prisões de torcedores acusados de se envolver em brigas nas torcidas em jogos pela taça Libertadores da América daquele ano.

Apesar das prisões e dos envolvimento da torcida em episódios de violência no futebol recente, é importante perceber a torcida do Corinthians, sobretudo a organizada *Gaviões da Fiel*, como uma torcida com um histórico engajamento político. Mais de trinta anos depois, a *Democracia Corinthiana* novamente mostra sua força de movimentação e sua importância, deixando mais uma vez a lição de que lutar pela democracia é possível em todos os espaços e é dever de todos.

Na Súmula

Procurou-se aqui realizar um estudo sobre a ação coletiva do movimento que ficou conhecido como Democracia Corinthiana entre os anos de 1981 e 1985, realizado pelos jogadores em conjunto com a direção do Sport Club Corinthians Paulista. Um gol de placa, visto, revisto, apreciado e analisado. A partir da descrição breve do movimento, buscou-se fazer um enquadramento teórico, reconhecendo que ele não poderia ser classificado como um movimento social.

Porém, principalmente a partir da análise do contexto, buscou-se entender a *Democracia Corinthiana* como um dos processos autonomamente determinados que integraram as estruturas de mobilização da campanha pelas Diretas Já! e pela redemocratização do país após a ditadura militar. Buscamos demonstrar como o movimento dos jogadores esteve integrado a rede de interpenetrações das ações coletivas pró-diretas e como ele foi usado como símbolo do Brasil que queria se construir e referência para a conquista de novos apoiadores, levando-se em conta principalmente a relevância cultural do futebol para a cultura e a identidade nacional brasileira.

Só o movimento, como também alguns dos jogadores foram alvos desse simbolismo. Foram tomados como ídolos de liberdade e, dentro do Corinthians, viveram a experiência democrática que muitos brasileiros naquele momento desejavam ter, ainda que limitado pelo que as estruturas de organização do clube ofereciam. Participaram de comícios e venceram campeonatos, brigaram pela democracia dentro e fora do clube. Não como movimento social concreto mas como parte dessa rede de quadros interpretativos do movimento pela Diretas.

A *Democracia Corinthiana*, ainda lembrada e atacada, foi parte de expressão considerável dentro do caldeirão das "Diretas Já!". Era mais uma categoria profissional que se juntava as CEBs, operários e outras organizações que reivindicavam a aprovação Dante de Oliveira e criavam novos espaços de mobilização política, mesmo em um meio que considerava os jogadores como não dignos de serem vanguarda política.

Sócrates, Wladimir, Zé Maria, Casagrande e todos os que passaram pelo clube naqueles anos foram símbolos de um desejo nacional e ajudaram enormemente a campanha pelas diretas já, na medida em que ao saírem da zona de conforto do futebol, eles eram exemplo para a população geral. Eram mais de um grupo historicamente silenciado que se postulava naquele momento como sujeito político, dentro de sua estrutura de trabalho e fora dela, sendo símbolos de uma nova cultura política democrática que o movimento pelas diretas

25 POLÍCIA PRENDE 25 torcedores e fecha sede de organizada do Corinthians. Disponível em <<https://esporte.uol.com.br/futebol/ultimas-noticias/2016/04/15/policia-prende-25-torcedores-e-fecha-sede-de-organizada-do-corinthians.htm>> Acesso em 26 de setembro de 2017.

tentava criar. Um golaço, uma linda jogada, pela democracia e pelo valor democrático que nós, historiadores mendigos do futebol, recebemos tão gratamente essa esmola corinthiana.